

Cudese, FH - depois viagem

FHC tem dia de epifania artística

por Pepe Escobar
de Roma

(Continuação da página A-1)

na Villa Madama para seu encontro com o primeiro-ministro Romano Prodi. A Villa Madama, evidentemente no alto de uma colina com uma vista imperial, pertence ao Ministério das Relações Exteriores da Itália. Contém sublimes afrescos de Giulio Romano, o mesmo gênio do Palazzo Te de Mantova, cuja "camera degli sposi" é considerado o quarto mais bonito do planeta. Para se ver os preciosos afrescos, só mesmo em uma recepção oficial do governo italiano.

Em um salão com uma frisa afrescada por Romano, os professores — Cardoso e Prodi — assinaram acordos de cooperação e conversaram como se estivessem em um hall da Universidade de Bolonha. Prodi até conseguiu esquecer de Helmut Kohl e da racionalismo Bauhaus do Bundesbank. Isso até a aparição fulminante de uma... "pelliccia" canarinho falsa (porque politicamente correta). A "pelliccia" pertencia a ninguém menos que Gina Lollobrigida, em certo tempo o maior símbolo sexual da humanidade. Lollo desempenha um papel de embaixatriz extra-oficial da cultura italiana e teria sido convidada para o encontro — de acordo com fontes italianas — pelo próprio Prodi. Lollo reapareceu — discretamente — em um completo negro, dourado, vermelho e com um colar de brilhantes que deliciaria Gianni Versace em suas noites mais selvagens.

No implacável turismo sete estrelas do presidente, não houve tempo para a estátua de Paulina Borghese ou para "O Amor Sacro e o Amor Profano", de Ticiano. Mas nada o livraria do imperativo categórico: a Capela Sistina restaurada pelos japoneses. O presidente pôde meditar alguns minutos em frente ao "Juízo Final" de Michelangelo graças a uma visita exclusiva depois do almoço na Villa Madama. Pelas rígidas regras do Vaticano, a imprensa não teve acesso. A nova imagem do Brasil pode ter contaminado os empresários, mas ainda não chegou aos cafés vaticanos. Indagado sobre que porta seria utilizada por um chefe de Estado para o itinerário mais curto em direção à capela, respondeu um garçom próximo a porta "popular": "América, Japão, Alemanha, entram pela porta do Santo Ofício. Quanto aos outros..." Fernando Henrique, felizmente, foi admitido pela porta politicamente correta.

Turismo e gastronomia à parte, o objetivo crucial da visita parece ter sido cumprido apenas em parte. O presidente vendeu a perfeição à

imagem de uma economia dinâmica. Representantes do governo insinuaram como é excitante participar do processo de privatização. E diretores de empresas e de um banco — o Sudameris — que atuam no Brasil lebravam como dá certo apostar no país. Faltou o elo — como reconheceram vários empresários e também o ministro do Comércio Exterior, Augusto Fantozzi — de convencer pequenas e médias empresas italianas de que Brasil, Mercosul e América Latina são extremamente atraentes no momento. Dezenas de milhares de PMEs permanecem desinformadas sobre as potencialidades de mercado — assim como boa parte da imprensa de qualidade. Ontem, o "Repubblica" romano não publicou uma só linha sobre a visita presidencial. E o "Corriere della Sera" milanês estampou como manchete — em uma matéria de pé de página — "Brasil bate a porta do capital italiano", o que é muito reducionista.

Pequenas e médias empresas italianas querem ter certeza de proteção de investimentos no País

O presidente chegou à Itália em um momento político e econômico extremamente delicado — onde a classe política e empresarial está totalmente absorvida por pressão fiscal, reforma do Estado, reforma institucional, a competição tecnológica da Europa com EUA e Ásia, e a verdadeira corrida de obstáculos para se cumprir os parâmetros de Maastricht. Se resolverem apostar no Brasil, pequenas e médias empresas querem ter certeza de proteção de investimentos. Daí a importância do acordo de transparência de fluxos de capital, do acordo anti-máfia, e de um trabalho de maior divulgação do país pelo governo brasileiro. O processo, como se reconhece na Itália, será lento, e está apenas no início.

Hoje o presidente vai à velha comunista Bolonha receber um doutorado honoris causa da Universidade — a mais antiga da Europa. Deve preparar-se para enfrentar um protesto de professores locais contra violações de direitos humanos no Brasil. Amanhã de manhã, o presidente será recebido pelo Papa João Paulo II. O cardeal Angelo Sodano, que é, digamos, o secretário de Estado do Vaticano, vai transmitir ampla preocupação oficial da Santa Sé com conflitos de terra no país. Como se vê, o presidente teve todas as razões para prezar seu dia de turismo sete estrelas.



Cudese, FH - depois viagem
Fernando Henrique Cardoso

GAZETA MERCANTIL

FHC tem dia de epifania artística

por Pepe Escobar
de Roma

Fernando Henrique contemplou a Piazza do Campidoglio — embelezada por Michelangelo, a pedido do Papa Paulo III, para uma visita de Carlos V em 1536 — do melhor ponto de vista possível: no balcão do Palazzo Senatorio, e ciceroneado pelo elegantíssimo prefeito de Roma, Francesco Rutelli. Seu dia de epifanias artísticas estava apenas começando. No salão do Campidoglio, Rutelli fez o elogio do "desenvolvimento sustentável" e emitiu um juízo olímpico sobre as "competidoras irmãs". Rio-Roma. Fernando Henrique replicou com "uma cidade que o emociona". Logo a seguir, impossível resistir à perfeita "photo opportunity": em frente ao fabuloso bronze em restauro do imperador Marco Aurélio — que costumava ficar no centro da praça do Campidoglio — e deve transferir-se a partir de abril para o Museu Capitolino: na praça ficará uma impecável réplica esculpida a laser. Só faltou a Fernando Henrique uma cópia dos "Pensamentos" do estoico imperador.

Enquanto o ministro Lampreia — como o "Discobulo" do século 18 no Museu Capitolino — retorcida-se para apagar o fogo do "Diário de Notícias" português — que confundiu tudo sobre as relações entre Brasil, Itália e Portugal —, o presidente já se concentrava (Cont. A-4)